

**PARA QUE FEITOS ADMIRÁVEIS NÃO SE APAGUEM
DA MEMÓRIA
POR UMA PERSPECTIVA HISTORIADORA DE
ANÁLISE
DA LITERATURA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Bruno Flávio Lontra Fagundes¹

RESUMO: Através de pesquisa aos livros da biblioteca particular de João Guimarães Rosa, este artigo revela o diálogo do escritor com homens e livros e os impactos que estes tiveram em suas elaborações imaginárias sobre o Brasil. Concebida como expressão de uma proposta de arte que acabou por oferecer uma interpretação do país em meados do século XX, a literatura de Guimarães Rosa, mesmo filtrada pelo profundo trabalho de elaboração linguística e poética, oferece uma perspectiva de análise do significado do trabalho artístico e intelectual na elaboração de uma visão do Brasil. Este artigo propõe uma perspectiva de análise da obra literária de Guimarães Rosa e sugere alguns pontos de investigação que podem ser proveitosos para historiadores dispostos a investir na pesquisa da obra rosiana.

PALAVRAS-CHAVE: História. Pesquisa. Literatura.

ABSTRACT: Through research of the private library of books by João Guimarães Rosa, this article reveals the writer's dialogue

¹ Doutor em História, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este texto é uma versão, aumentada modificada, da introdução de minha tese de doutorado intitulada *Entre arte e interpretação: figurações do Brasil na literatura de João Guimarães Rosa (1945-1967)*, defendida em 2010. 307f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

with men and books and the impact they had on their imaginary elaborations on Brazil. Designed as an expression of art that proposal was eventually offer an interpretation of the country in mid-twentieth century, Guimarães Rosa's literature, even filtered through the deep work of poetic and linguistic development, offers an analytical perspective of the meaning of artistic and intellectual work in developing a vision of Brazil. This article proposes an analytical perspective of a literary work by Guimarães Rosa, research suggests some points that could be useful for historians willing to invest in the research work of Guimarães Rosa.

KEYWORDS: History. Research. Literature.

O título deste artigo glosa a famosa asserção de Heródoto que abre sua *História*: “os resultados das investigações de Herodotos de Halicarnassos são apresentados aqui para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens [...] e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e bárbaros não deixem de ser lembrados”.²

Uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, acerca de produção desenvolvida ao longo de um período de vinte anos mostra que a literatura de Guimarães Rosa praticamente nunca foi objeto de estudo das áreas de História e Ciências Sociais.³ Nos programas de pós-graduação desses cursos, a literatura de Guimarães Rosa tomada exclusivamente não foi praticamente estudada.

Na Unicamp, em 1998, a tese de doutorado em Ciências

² HERÓDOTOS. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1988, p. 19.

³ A pesquisa foi feita *on-line* no portal Capes de Teses e Dissertações no curso do desenvolvimento de nossa pesquisa de doutorado e cobriu os anos de 1986 a 2006, junto a todos os cursos da área de Humanas de praticamente todas as universidades federais e principais universidades estaduais e particulares, tomadas de norte a sul do Brasil.

Sociais, *Ser-tão natureza – a natureza de Guimarães Rosa*, de Mônica Meyer – depois tornada livro – estuda a concepção de natureza na literatura de Rosa, revelando os elos que ligam cultura e ambiente na vida do homem sertanejo. Na Unesp, em 2003, a dissertação de mestrado em História, *Algumas veredas na construção da legitimação do condomínio da violência no Grande Sertão*, de Odilon Machado Júnior, identifica em *Grande Sertão: Veredas* “espaço privilegiado de nossa historiografia” e recurso heurístico para a compreensão da formação social e política brasileira. Ainda em 2003, na UFMG, a dissertação de mestrado em História, *Um Jesus Cristo “Extraterrester”, Maquiavel e Weber no sertão das Minas no século XIX: messianismo, milenarismo, culturas políticas e desencantamento do mundo em “Um moço muito branco” de João Guimarães Rosa*, de Maurício Menezes Ribeiro Branco, analisa o conto “Um moço muito branco”, do livro *Primeiras Estórias*, a fim de examinar aspectos da cultura política brasileira como o messianismo e o milenarismo. Em 2005, na USP, a dissertação de mestrado em História Social, *A incrível história do homem que ouviu a música que o outro não tocou*, de Percy da Silva, analisa o conto “Recado do Morro”, do livro *Corpo de Baile*, para saber como “obras de ficção possibilitam a compreensão dos mais variados momentos históricos”. O autor avalia como o mito de Hércules, no contexto do desenvolvimentismo brasileiro do pós Segunda Guerra, ajuda-nos a entender o projeto de despertar o “gigante adormecido”. Ressalta-se, ainda, a tese de doutorado da professora de História Heloisa Starling, defendida em 1997 no curso de Ciência Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o IUPERJ, depois transformada no livro *Lembranças do Brasil – Teoria Política, História e Ficção em Grande Sertão: Veredas*. Em vinte anos, foram desenvolvidos três trabalhos em torno de Guimarães Rosa nos cursos de pós-graduação em História no Brasil.

A pesquisa nos cursos que compõem as Humanidades revela que o escritor é objeto de estudo praticamente exclusivo dos campos das Letras e Linguística, o que é um pouco óbvio: o escritor renovou profundamente a linguagem e a escrita literárias

brasileiras e praticamente sacramentou a independência literária nacional dos cânones europeus. As exceções mais notáveis ficam para o curso de Comunicação, que estuda, normalmente, as interfaces dos processos interativos de linguagem entre a literatura de Rosa e outras linguagens, assim como a adaptação da literatura do escritor para outras mídias: o vídeo, o cinema, a televisão. Ciências da Religião, Geografia, Filosofia, Educação, Psicologia Clínica e Artes Cênicas aparecem ainda contribuindo com um e outro trabalho, que, mesmo somados, não afetam o absoluto interesse pela análise da literatura de Guimarães Rosa da parte do “círculo das Letras”.

Se parece óbvio que a literatura de Rosa é fonte de estudo da área de Letras, e nem tanto de História, não será o caso de lembrar-nos – velha máxima do metiê historiográfico – que as fontes não falam por si mesmas, mas falam dependendo das perguntas que fazemos a elas?

Os historiadores sempre enfrentaram o questionamento sobre a relação entre História e Literatura, ora discutindo a afirmação de que escrevem textos como os fazem os escritores literários, ora esclarecendo que, no texto do historiador, o contexto social opera mais do que mera referência, ao contrário do escritor literário, em cujo texto o “contexto social existe [...] apenas como referência ao mundo”.⁴ Mesmo marcando as diferenças, os historiadores sabem, no entanto, que há textos e autores literários que lhes são fundamentais quando está em jogo o exame de realidades históricas.

Na obra literária de João Guimarães Rosa, escrita entre os anos de 1930 e os anos de 1960, o romance *Grande Sertão: Veredas* é momento decisivo, haja visto que, paralelo às inovações linguísticas que consagraram o autor na história da literatura brasileira, o livro sempre reatualiza questões centrais da história do Brasil, articulando, numa narrativa emocionante, fatos das

⁴ BATISTA CARDOSO, João. *Literatura do Cacaú. Ficção, Ideologia e Realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado*. Ilhéus: Ed. da Uesc, 2006, p. 39.

relações sociais e políticas, herdadas historicamente, a uma época de modernização da vida econômica, social e cultural do país.

Os livros de Guimarães Rosa – em especial *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, publicados em 1956 – sempre nos motivaram a tomar a obra literária do escritor e o processo de sua construção para a análise da história brasileira.⁵ A pesquisa da biblioteca particular de Guimarães Rosa revela a consulta e as marcas que fez o escritor – para além dos livros propriamente literários – em livros de caráter geográfico, antropológico, histórico e sociológico, etnográfico e de folclore, elaborados na confluência da imaginação e da reflexão sobre a sociedade e a história brasileiras. O diálogo de Rosa com homens e livros, e os impactos que estes tiveram em suas elaborações imaginárias sobre o Brasil, exprimem uma proposta de arte que acabou por oferecer uma interpretação do país em meados do século XX.

Combinada a suas viagens para o interior do país, a interação de Guimarães Rosa com textos e intérpretes do Brasil sugere as ações do escritor no sentido de conhecer o sertão e os sertanejos.⁶

⁵ Mais exatamente: *Corpo de Baile* foi publicado em maio e o romance *Grande Sertão: Veredas* em setembro de 1956. A pesquisadora de Literatura Ana Luiza Martins Costa constatou que o romance seria mais uma novela do primeiro livro, mas que, no processo de escrita, teria ganhado autonomia a ponto de se fazer um livro solo. Ver MARTINS COSTA, Ana Luiza. Rosa, leitor de relatos de viagem. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA 1998-2000, 3, 2000, Belo Horizonte. *Anais Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC-Minas/Cespuc, 2000, p. 41-46.

⁶ Para além de suas viagens ao exterior enquanto diplomata, destacamos as principais viagens de Rosa ao interior do Brasil: em 1945, viajou a Minas para ver o rio Paraopeba e a região das grutas de sua cidade natal, Cordisburgo; em 1947 viajou a algumas cidades do Mato Grosso e ao Pantanal, onde passou algumas semanas conhecendo a região, guiado pelo vaqueiro Mariano, viagem da qual Rosa escreveu, depois, o texto “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, publicado no *Correio da Manhã* em 1947 e 1948; e em 1952, fez viagem a uma cidade da Bahia para participar de uma comitiva de vaqueiros que receberiam o presidente Getúlio Vargas a cavalo no aeroporto e fez, depois, grande viagem com comitiva de vaqueiros ao longo de parte do rio São Francisco para puxar uma boiada. Essa última viagem ficou consagrada pelas fotos da reportagem *Um escritor entre seus personagens*, publicada

Do que resultou na elaboração de uma visão estética do Brasil que terminou sendo, a um só tempo, uma proposta de abordagem do país e um conhecimento necessário que lhe permitiu atuar como mediador entre dois mundos: o urbano e o rural, a cidade e o sertão, a comunidade dos homens da cultura escrita no livro e o da comunidade de homens que mal leem e escrevem cartas e bilhetes.⁷

Ao contrário de experiências históricas em que a modernização técnica e a modernidade afetaram o tipo de convívio entre áreas urbanas e rurais, entre cidade e sertão, englobando as sociedades num processo de homogeneização sob a égide das cidades, no Brasil a modernização se fez mantendo e se aproveitando de características e tradições da vida rural, num processo em que a cidade não acabou com o sertão, fato formulado na indagação que faz Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* ao senhor que o ouve contar histórias: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?”.

No Brasil e no mundo de meados do século XX, as atividades artística e diplomática de Guimarães Rosa não se desvincularam, e foram executadas através de interlocuções sociais e culturais subjetivadas numa escrita literária que acabou por figurar um Brasil de conflitos e solidariedades, país em que o escritor atuava se revelando na própria trama de suas histórias, agindo como mediador entre populações de capitais culturais díspares e diversificados. O projeto literário e cultural de Guimarães Rosa teve o livro como condição e resultado de seu investimento político e diplomático: o livro materializou o gesto do escritor de aproximar sertão e cidade por uma obra de cultura.

a 21 de junho de 1952 na revista *O Cruzeiro*, que mostra Guimarães Rosa convivendo com vaqueiros sertanejos.

⁷ Para verificar a qualificação dos sertanejos de Rosa como uma “comunidade de homens que mal lêem e escrevem cartas e bilhetes”. Ver FAGUNDES, Bruno Flávio L. Sua alta opinião compõe minha valia: leitor, leitura e cultura letrada em alguns contos de João Guimarães Rosa. *Fênix. Revista de História e Estudos Culturais*. v. 2, ano II, n. 3. jul./ago./set. 2005. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/volumequatro.php>>

Obra estreitamente ligada a sua carreira diplomática – em que viajou, participou do debate público nacional e mundial de ideias, conheceu países do mundo e pôde escrever livros – a de Guimarães Rosa se acresce de um fato significativo, revelado pelo próprio escritor nas poucas oportunidades em que respondeu sistematicamente sobre sua literatura. Nessas oportunidades, o escritor diplomata sugeria que ele era um personagem de si mesmo, de sua própria literatura: “às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo [...] provavelmente, eu seja como meu irmão Riobaldo [...] minhas personagens, que são sempre um pouco de mim mesmo, um pouco muito”.⁸

Essas revelações favorecem a inquirição do texto literário rosiano sob certa perspectiva, visto que desloca para as tramas da literatura as atividades do artista e do diplomata, observadas nas ações de personagens que são o próprio escritor em atuação.

Enquanto universo específico, o texto literário torna-se ainda dispositivo com cujas propriedades o escritor – ao organizar os personagens em tramas segundo concepções de mundo, de sociedade e de Brasil – sem querer, provavelmente, revela o que valoriza, seleciona e qualifica como importante no debate público, informando-nos dos posicionamentos que toma diante de questões sociais vividas pela mediação das histórias narradas em seus livros. A literatura acaba por mobilizar uma interpretação da sociedade que se organiza dentro do texto, em função do que se desnudam a natureza e o caráter das relações sociais examinadas pela lente dos enredos literários e valorações simbólicas que dão vida a fatos e personagens.

A pesquisa na biblioteca de Rosa, a identificação de como o escritor selecionou e valorizou temas da vida brasileira no interior do debate sobre o Brasil, sugerem avaliar a interação do homem de cultura Guimarães Rosa com outros homens de cultura e com

⁸ As afirmações foram retiradas de LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa. Ficção Completa em dois volumes*. RJ: Nova Aguilar, 1994, p. 27- 61.

os sertanejos, sujeitos tanto de sua criação literária como das explicações do país que o escritor ia conhecendo pelos livros de sua biblioteca e pelos debates de que participava na condição de escritor e diplomata em meados do século XX.

A pesquisa das leituras de Guimarães Rosa reforça a convicção de que sua obra acabou por propor uma visão do Brasil sob a perspectiva da criação literária mediada pelas interpretações do país vigentes em sua época histórica. Para criar textos de literatura, Rosa guardou em sua biblioteca, marcou, anotou e utilizou muitos livros de etnografia, geografia, antropologia, folclore, significativos do debate sobre as interpretações do Brasil. O tema dos sertões, das fazendas e da vida rural brasileira está no centro dos relatos e textos lidos pelo escritor, incitando-nos a pensar como ele concebia esses livros, tomando-os como fontes de criação literária.⁹

Como é previsível, o tema do sertão atraiu o interesse de leitura de Guimarães Rosa.

O tópos sertão nos livros de sua biblioteca se espalha sob diversas denominações e por diversos livros que, mesmo não trazendo o sertão como tema central, oferecem ao escritor elementos para a elaboração de seu sertão literário. O livro *Grande Sertão: Veredas* é atravessado pela discussão sobre o sertão como categoria-chave de entendimento do país, e mais especialmente do entendimento do sertão e das regiões brasileiras no interior das tentativas de construção discursiva de uma unidade

⁹ Entre muitos, e a título de exemplos, alguns livros e autores da biblioteca de Rosa podem ser mencionados, tais como: Manuel Diegues Júnior, *O engenho do açúcar no Nordeste*; Jozé Norberto Macedo, *Fazendas de gado no vale do São Francisco*; Clóvis Caldeira, *Fazendas de cacau na Bahia*; Souza Barros, *Cercas Sertanejas (traços ecológicos do sertão pernambucano)*; Luís da Câmara Cascudo, *Rede-de-dormir: uma pesquisa etnográfica*; Gilberto Freyre, *Nordeste: aspectos da influência e Sobrados e Mucambos*; Optato Gueiros, *"Lampeão": memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*; Manuel Rodrigues de Melo, *Patriarcas & carreiros: influência do coronel e do carro de boi na sociedade rural do Nordeste*; Urbino de Sousa Viana, *Bandeiras e sertanistas baianos*; Euclides da Cunha, *Contrastes e Confrontos e Os Sertões*.

desejada fraturada pela dicotomia sertão-litoral que – desde *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e depois em *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano de Abreu – tanto marcou a história das interpretações sobre o país.¹⁰

Envolvido por essa dicotomia, que ensejou sua motivação literária e dividiu as vertentes interpretativas sobre o Brasil, Rosa soube dissipá-la, porém, sem quê não poderia figurar o Brasil que sua imaginação literária supunha. O escritor criou, mas criou na corrente de uma tradição de pensamento sobre o lugar do sertão na história brasileira, tradição ao mesmo tempo reforçada e rediscutida pelas análises interpretativas do Brasil em meados do século XX. Se aceitarmos que os textos literários de Rosa valorizam o sertão e a “civilização pastoril” – identificada no processo de penetração do território interior brasileiro na história – a literatura rosiana torna-se tributária de ideias que, no debate interpretativo, qualificaram o sertão e os sertanejos como portadores de civilização e de cultura.¹¹

Para a análise da literatura de Guimarães Rosa, importa entender fatos da história social, política, econômica e cultural brasileira e mundial, tais como as relações surgidas de disputas ideológicas do Pós-Guerra e da Guerra Fria, os condicionantes e intercâmbios na produção de arte e literatura de meados do século XX, a constituição de uma esfera crítica literária no Brasil separada, pouco a pouco, da reflexão social – esfera sedimentada pelo crescimento da indústria editorial e pela criação

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 22. ed. RJ: Francisco Alves, 1952, 646 p. e ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial & Os Caminhos antigos e o Povoamento do Brasil*. 5. ed. Brasília: Ed. UnB, 1963. 398 p. A representação da fratura sertão-litoral na história do pensamento brasileiro não se restringiu a Euclides da Cunha e a Capistrano de Abreu, claro, mas atravessou a percepção de país na criação literária brasileira na história. A representação da fratura gerou diversos desdobramentos interpretativos e temáticos, ora estudados, ora supostos, na reflexão teórica de vários autores (as), dentre eles: Janaína Amado, Nísia Trindade Lima, Candice Vidal e Souza, Roberto Ventura, Luciana Murari, Antônio Cândido, Nicolau Sevcenko, Roberto da Mata, Lília Moritz Schwarcz, Roberto Schwarcz.

¹¹ A ideia de uma “civilização pastoril” está em ABREU, Capistrano. Op.cit.

de universidades nos anos de 1930 – avaliando seus impactos no diálogo de Rosa com os intérpretes do Brasil e no modo como o escritor, de alguma maneira, formalizou uma concepção de sociedade e de história figurada em seus textos e livros.

Afetados pelas consequências de um mundo em guerra e por disputas ideológicas, em meados do século XX os brasileiros foram marcados por intenso debate de ideias em torno dos impactos da urbanização e das rápidas transformações técnicas e industriais em um país de forte herança ruralista e com cidades que recebiam grande população migrante das áreas rurais com baixos índices de formação escolar e cujo acesso ao escrito não se dava através do livro. As vicissitudes de um processo de modernização que avançava sobre o país, e que se encontrava com antigos hábitos e modos de vida das populações das áreas rurais, marcaram o contexto em que Guimarães Rosa exerceu suas atividades de escritor e diplomata, escrevendo livros de literatura publicados nas grandes cidades brasileiras.

Sem reduzir a criação de literatura a atividade intelectual – o que Rosa deplorava – importa-nos partir do fato de que textos literários estão em permanente interação com outros textos sociais. Essa é uma via de mão dupla: se textos de intérpretes são importantes pelo componente de imaginação de realidade que oferecem aos poetas a fim de elaborar suas ficções, também os textos literários fazem proposições imaginativas significativas sobre a vida social, oferecendo aos intérpretes da sociedade elementos e enredos de sentido para que elaborem suas visões de realidade. A construção literária de Rosa vista como proposições para os dilemas e desafios do mundo social brasileiro “se adapta às estratégias de dotação de sentido que estão contidas, em suas formas mais puras, na arte literária”.¹²

Tomada como interpretação mediada por textos que organizam a realidade esteticamente, o trabalho com a literatura de Rosa exige atenção, ainda, às noções que informavam o

¹² WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. 2. ed. SP: Edusp, 2001, p. 109.

escritor de que os livros interpretativos sobre o Brasil – e o debate com intérpretes - poderiam supri-lo de material para sua criação literária.

Se quisermos conceber Guimarães Rosa e a construção de sua obra literária como proponentes de uma interpretação da realidade histórica brasileira, precisamos considerar que a realização de uma mensagem sobre o país se relaciona a um estado da crítica literária e das interpretações do Brasil de meados do século XX. O trabalho com a literatura requer investigar as relações específicas que ela mantém com outros textos sociais e seus criadores, buscando a historicidade das teorias literárias.

A bibliografia de Rosa não é vasta.

Sua obra é, talvez, muito mais seus papéis de arquivo do que propriamente seus livros publicados. Eles envolvem os títulos *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Primeiras Estórias* (1962), *Terceiras Estórias* (1967) e os livros póstumos *Estas Estórias* (1969) e *Ave Palavra* (1970). A nosso ver, se os quatro últimos livros destacam o exímio trabalho de experimentação linguística, sendo mais herméticos e mais sujeitos ao escrutínio qualificado de linguistas, os três primeiros revelam uma maior referencialidade a acontecimentos do universo de fazenda e da vida rural, e com maior interlocução com textos e autores da história da interpretação brasileira.

Toda obra de literatura se constrói em trocas e negociações do autor com agentes sociais diversos, mediado por teorias e noções de literatura que organizam a consciência de seu fazer, noções e teorias que se encontram sistematizadas em livros recolhidos pelo escritor em sua biblioteca. Como a natureza ficcional do texto literário, o marco crítico-interpretativo da obra de Guimarães Rosa não pode ser desprezado, haja vista que um escritor supostamente compreende seu fazer literário combinando suas próprias concepções do que é literatura com concepções que recolhe no intercâmbio com a crítica literária e cultural de modo geral.

Rosa foi autor que fugiu dos paradigmas de leitura existentes nos anos de 1940, quando publicou, em 1946, *Sagarana*, seu

livro de estreia. Segundo o pesquisador Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, a crítica literária no Brasil tem a década de 1940 como divisora de águas, com a criação das faculdades de Letras e a implantação de uma crítica especializada. Acompanhando uma tendência mundial, a crítica brasileira se tornava cada vez mais imanentista, valorizando o aspecto estético da obra. A recepção crítica de Guimarães Rosa, hoje, reflete a leitura da obra rosiana feita a partir da década de 1940: “É um tempo de mudanças e de implantação de novos modelos críticos, cujos desdobramentos vêm até o presente, já no século XXI”.¹³

Se, provavelmente, a chave interpretativa imanentista foi, para Guimarães Rosa, aquela com que fez a leitura dos livros de sua biblioteca – e que imaginava fosse aquela com que seus livros autorais seriam lidos – as teorias literárias, no entanto, também têm história. Hoje, para rever a literatura rosiana, preferimos recusar a imanência dos textos e procurar no projeto literário do escritor significados e sentidos que se vislumbram quando mudamos nossas teorias sobre a literatura e sua relação com a análise histórica.

A partir dos anos de 1980, modificou-se, de vez, a análise do literário pela História.

É no curso das mudanças epistemológicas e teórico-metodológicas no interior dos estudos históricos naqueles anos, e em seus desdobramentos posteriores, que se encontra nosso argumento. A partir dali, consolidou-se uma inflexão teórica que desvalorizou a abordagem imanentista da literatura, para cuja crítica a História também veio prestar sua contribuição.

Os estudos imanentes da literatura foram substituídos “pelo estudo dos condicionamentos institucionais e materiais da invenção, da circulação e da recepção” literários e os estudos incorporaram “trabalhos de Jauss, Iser, Weimann, Stierle, Roger Chartier, Darnton, Petrucci etc. Novas inteligibilidades foram

¹³ VIEIRA DE OLIVEIRA, Luiz Cláudio. *Guimarães Rosa no Suplemento. A recepção crítica da obra de Guimarães Rosa no Suplemento Literário de Minas Gerais*. BH: PPG-Letras-UFMG, 2002, p. 33.

produzidas.”¹⁴ Os signos literários começaram a ser analisados como condicionados pela “materialidade dos suportes” e pelos condicionamentos institucionais, ainda segundo Hansen.

A contribuição da História para a análise do processo de construção literária passou a refugar uma sociologia que via no texto a sociedade refletida, e a verificar como, nos próprios processos que dão existência aos textos ficcionais, atuariam fatores que manifestariam as vicissitudes da sociedade. Vive-se, nos anos de 1980, uma expansão e fragmentação da História com a adoção de novos problemas, abordagens e objetos, e a História se reaproxima da Literatura, no interior da emergência da Nova História Cultural e de um amplo debate que repôs em discussão o caráter narrativo dos textos históricos, a suposta semelhança do fazer historiador como algo próximo ao fazer do escritor de ficção e a consciência dos historiadores de que o que fazem seria não só um “trabalho de campo a arquivos”, mas, antes de tudo, uma escrita.

O debate entre os historiadores foi extenso e não foi unânime, mas criou raízes definitivas, tendo instituído um “duelo de posições”, cujo tema fundamental é a relação que “cada historiador supõe, ou não supõe, existir entre a *história (conhecimento)* que ele escreve (produz) – o texto ou a obra de História, – e a *história* propriamente dita, enquanto realidade ou objeto de conhecimento”.¹⁵

Inspirado pelo título do texto que mobilizou em definitivo a questão da narrativa como integrante do debate entre historiadores – o de Lawrence Stone, publicado em 1979: *The revival of narrative: reflections on a new old history* – na realidade, o debate envolvia a crítica ao conceito de realidade e

¹⁴ HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.) *Cultura Letrada no Brasil*. Campinas; Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; SP: Fapesp, 2005. (Coleção Histórias de Leitura), p. 23.

¹⁵ FALCON, F. A identidade do Historiador. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 1996, p. 12.

de objetividade históricas concebido pelas análises estruturalistas e empiricistas dos anos de 1960/1970, que não consideravam o papel ativo do sujeito analista e de sua linguagem na construção imaginativa das realidades.

Nos anos de 1980, foram resgatados movimentos interpretativos oriundos de trocas disciplinares da História – como o *Linguistic Turn* – e a obra teórica de vários autores passou a compor o repertório obrigatório da leitura dos historiadores interessados na escrita histórica e na história da disciplina História, autores, dentre os quais, podemos destacar Hayden White, Paul Ricoeur, Dominic La Capra, Carlo Ginzburg, Michel De Certeau, Roland Barthes, Peter Gay, Roger Chartier, Michel Foucault, Paul Veyne. A partir de então, parte expressiva da produção historiográfica brasileira passou a se dedicar ao tema das narrativas e/ou a seus desdobramentos e, revisitando a questão da linguagem e do componente imaginativo das ficções literárias, os historiadores revalorizaram na literatura a busca de elementos para pensar o próprio componente imaginativo e lingüístico das reconstruções textuais que faziam do passado histórico.

Marcos analítico-teóricos novos foram formulados pela História para a análise do literário, tais como a importância da escrita do texto associada ao fato de sua publicação, o deslocamento de uma análise centrada no autor para outra que combinava a relação autor e leitor, a participação de outros agentes culturais, como livreiros e editores, na realização do produto literário, e a interferência de outras publicações – textuais e iconográficas – como mediadoras da percepção que interferem na leitura e na cognição literárias, entendido o autor também como leitor de livros e de diversas outras publicações. A questão obriga-nos a não perdermos de vista o fato de que Guimarães Rosa também era leitor, certamente condicionado pelos constrangimentos e convenções de leitura particulares à “comunidade interpretativa” de leitores de que participava em meados do século XX brasileiro.¹⁶

¹⁶ A ideia de comunidade interpretativa encontra-se em FISH, 1980, apud

A análise histórica da literatura passava, então, a valorizar o fato de que os textos não têm sentido fixo, que suas interpretações dependem de negociações intelectuais, e que ler é um ato ao mesmo tempo livre e regulado, para o que seria preciso investigar os agentes culturais e fatores históricos envolvidos no processo de produção de sentido dos textos. A biblioteca de Guimarães Rosa contém diversos livros de que, à época, se serviam os intérpretes do Brasil. O fato de Rosa e os intérpretes do Brasil partilharem convenções de leitura nos aproxima da ideia de que entre estes homens cultos havia divergências, mas também identidades e convergências de visões quando se tratava de considerar o país como motivo de reflexão e de arte.

Também as novas experiências socioculturais vividas no interior da vida urbana brasileira condicionaram os termos do diálogo de Rosa com os intérpretes do país, alterando os fatores técnicos e políticos de concepção, execução e interpretação de textos e livros. A realidade de um mercado editorial e cultural em expansão, marcado pela proliferação de materiais produzidos em função do desenvolvimento e consolidação de uma cultura iconográfica no país de meados do século XX, interferiu no Brasil como figurado por Rosa e, provavelmente, impactou o componente imaginativo do pensamento dos sujeitos que interpretavam as questões nacionais. Defendemos, como veio de análise, uma perspectiva que considera a relação de Rosa com os intérpretes do Brasil expressão da relação entre arte e pensamento, podendo ser encontrada pelo cruzamento de abordagens históricas e literárias sistematizadas nos campos histórico e literário nos anos de 1980.¹⁷

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. BH: Editora UFMG, 2001, p. 164.

¹⁷ Para a constatação do desenvolvimento de uma cultura iconográfica no Brasil de meados do século XX, entre outros. Ver: TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. *Fotografia Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, IPHAN/MINC (Brasília), n. 27, p. 7-15, 1998; SEGALA, Lygia. A coleção fotográfica de Marcel Gautherot. *Anais do Museu Paulista*, SP, ano/v.13, n. 2, p.73-134, 2005; e ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana (Org.). O

Perspectiva de análise, linha de pesquisa, objeto de investigação, a dimensão material e editorial dos textos passou a ser considerada pela História na abordagem do literário, procedimento que colocava o objeto material livro no centro das atenções sobre a literatura e das relações que ela estabelecia com a sociedade.

Os processos de confecção e composição da arte literária em livros parecem ter sido do interesse de Rosa, objeto de suas intervenções editoriais, e consideramos que, de algum modo, esses interesses do escritor informam-nos de sua figuração do Brasil, entrevisto nos processos diversos que envolvem a realização da atividade e da arte literárias.¹⁸ Mesmo não consciente do fato – ou talvez ainda sem a teoria para ajudá-lo a compreender – Rosa parecia acreditar na importância da materialidade dos livros como variável histórica do ato de ler e, para a consagração de sua obra, na interseção entre seu trabalho e o de outros agentes da cultura ligados aos livros, tais como editores, livreiros e ilustradores.

Como principal objetivo de Guimarães Rosa – para o que desempenhou atividades de escritor e de um verdadeiro artista gráfico – seus livros autorais estiveram no centro de seu projeto

olho fotográfico – Marcel Gautherot e seu tempo. São Paulo: Faap, 2007, p. 169-177.

¹⁸ Rosa, de algum modo, envolveu-se com a arte gráfica. Para a publicação dos livros de 1956, participou dos desenhos, em longas conversas com o ilustrador Poty, pedindo que em *Corpo de Baile* houvesse um desenho de um buriti e em *Grande Sertão: Veredas* fez desenhos para o mapa imaginário do sertão que compõe a arte gráfica do livro. Em seus arquivos, encontra-se uma capa de livro, desenhada pelo autor, para o que seria o livro *A Fazedora de Velas*, a ser publicado em 1962. Em 1962, ainda, o livro *Primeiras Estórias* contém um índice ilustrado, cujos desenhos teriam sido feitos por Rosa e depois retocados pelo ilustrador Luiz Jardim. E para o livro póstumo *Estas Estórias*, há nos arquivos do escritor um outro índice ilustrado feito por ele, índice que não vingou quando saiu a publicação, mas que ficou revelado no livro celebrativo *Em memória de Guimarães Rosa*, de 1968, publicado logo após sua morte. Da viagem de 1952 ao rio São Francisco comandando uma boiada, ficou o depoimento do cozinheiro da comitiva, o Zito, que se lembrava do “doutor João Rosa” que, com lápis e caderno pendurados no pescoço, “tomava o mundo por desenho e escrito”.

artístico, assim como os livros de sua biblioteca: eles foram instrumentos de mediação para o diálogo com outros homens de ideias e de cultura, assim como livros e impressos, de um modo geral, foram suportes decisivos de visualização que faziam ler – e ver – o Brasil, especialmente o sertão, num momento histórico de difusão de imagens do interior do país em materiais publicáveis. Em especial, destaca-se o livro *Tipos e Aspectos do Brasil*, existente na biblioteca de Rosa.

A publicação era um dos empreendimentos editorial-
iconográficos mais significativos para a fixação, pela visualização, das regiões culturais brasileiras. A análise da publicação sintetiza o papel de uma cultura iconográfica para fixar uma imagem do Brasil como uma unidade. A partir do número 4, ano I da *Revista Brasileira de Geografia* – publicação do IBGE, criada em 1939 – tem início uma seção denominada “Tipos e Aspectos do Brasil”, dentro da revista. A cada número, a seção contemplava certa região brasileira por um texto ilustrado de especialista. As matérias dessa seção iam “fixando novas regiões”: a seção era uma pequena matéria sobre tipos humanos existentes em regiões naturais brasileiras, com textos, maiores ou menores, sempre ilustrados por uma folha inteira. Depois se tornou, encadernada, um livro autônomo, existente na biblioteca de Guimarães Rosa.¹⁹

Em 1945, quando de sua primeira viagem a Minas para visitar o rio Paraopeba e a Gruta de Maquiné, Rosa levou em mãos o roteiro iconográfico “A Gruta de Maquiné e os seus arredores”, de Guaíra Heberle – geógrafo e exímio desenhista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE – publicado em 1941 na revista do órgão, a *Revista Brasileira de Geografia*. Entre

¹⁹ A publicação *Tipos e Aspectos do Brasil* foi analisada em DAOU, Ana Maria. *Tipos e Aspectos do Brasil: imagens e imagem do Brasil por meio da iconografia de Percy Lau*. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Paisagem, Imaginário, Espaço*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001, p. 135-162; e em ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. *A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil Moderno*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. 2, v. 13, jul-dez., 2005, p. 21-72.

outras ilustrações, o roteiro continha, em desenho desdobrável de cinco folhas, um bico de pena de Cordisburgo, registrando, em primeiro plano, as residências, a igreja, a escola, o prédio da prefeitura, para alcançar o fundo da paisagem recortada pela silhueta da montanha que resguardava a cidade como um paredão de pedra. Os muitos livros ilustrados foram, como uma grade de leitura, mediação da relação de Rosa com o sertão, reproduzindo imagens que o faziam ver o sertão mediados pelo desenho e pela fotografia.

Entendidos como suporte da fixação de ideias e artes, os livros reelaboravam o sertão do Brasil pelo contato e troca de ideias entre intelectuais e artistas da palavra, por letras de escritores e intérpretes, e por imagens veiculadas e fixadas do universo sertanejo na atuação de fotógrafos, desenhistas, artistas plásticos e cineastas. Na biblioteca de Rosa – e em algumas séries de seus arquivos – há evidências de leituras, como seria natural, de títulos que revelam o interesse do escritor pela forma artística pictórica, e imagética de modo geral, o que foi muito significativo na construção de sua literatura. Parece ter sido também de Rosa a ideia de que a ficção resulta de permanentes intercâmbios entre ela e “as condições técnicas ou literárias que comandam sua composição e sua circulação”.²⁰

No período histórico em que o escritor escreveu e publicou sua literatura, lendo sobre o sertão brasileiro em meados do século XX, à concepção de sertão e de sertanejo organizada em arte e interpretação, já se vinham agregando componentes figurativos e conceituais que modificavam o sertão, conferindo-lhe outras conotações e atributos.

Examinar a possibilidade de Rosa ler os livros interpretativos para escrever seus próprios livros – tomados como figuração do Brasil – requer instrumentos analíticos que esclareçam o fato de que, mesmo não classificando textos interpretativos por critérios de atributos literários, Rosa, de alguma forma, teve com eles uma

²⁰ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A História entre certezas e inquietude. Poa: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 55.

relação mediada por fatores que o teriam ajudado a identificar o estético no livro considerado não-literário. Este livro se tornaria lugar da urdidura imaginativa de relações sociais e históricas que não só definiria chaves de leitura para livros, como conteria arranjos e elementos compositivos que o assemelhariam a um objeto estético.

Não consideramos apenas o elemento imaginativo dos textos de interpretação, nem nos limitamos à literatura como prática que desvenda e ilumina “aspectos muitas vezes velados da realidade”, como querem Leonel e Segatto.²¹ Os livros sobre o Brasil que Rosa consultava em sua biblioteca e o conhecimento do país que aprendia de livros e do diálogo com os intérpretes, forneciam-lhe pautas imaginativas de composição a sua invenção literária e informação pela qual se punha a par dos obstáculos a enfrentar e das estratégias a implementar se quisesse ser um homem de literatura no Brasil em meados do século XX.

Para realizar seu projeto artístico e cultural, Rosa teve de lidar com os dilemas postos para um escritor literário no país e, representando as condições de realização de literatura no Brasil, sua ficção figurou os conflitos sociais, políticos e culturais do país, mas também suas solidariedades: “a língua é a arma com a qual defendo a dignidade do homem”, afirmava o escritor, se autoatribuindo uma missão que, articulando língua e literatura com dignidade humana, dava sentido social a seu projeto de escritor.²²

Dos aproximadamente 2.500 livros da biblioteca do escritor, compulsamos 574, nos quais verificamos o conjunto de marginálias e manuseamos conforme significados que os atribuímos por critérios de classificação. Examinamos livros e marginálias com o fim de determinar pertinências entre a condição de diplomata

²¹ Ver LEONEL, Maria Célia M.; SEGATTO, José Antônio. *Os sertões e Grande Sertão Veredas: concepções da crítica*. In: XI Encontro Regional Abralic, 2007, São Paulo. *Anais do XI Encontro Regional ABRALIC: Literatura, Artes, Saberes*. São Paulo: Abralic, 2007, v. 1, p. 1-11.

²² A afirmação está em LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa. Ficção Completa em dois volumes*. RJ: Nova Aguilar, 1994, p. 52.

de Rosa, sua interlocução com autores e intérpretes do Brasil e suas atividades de escritor e artista literário.

Toda a literatura rosiana – desde *Sagarana* em 1946, até seus livros póstumos, de 1969 e 1970 – revela alguns traços marcantes de seu investimento artístico e literário que atravessaram toda sua carreira sem nunca terem sido abandonados, desde o primeiro até o último livro. Porém cabe um destaque.

Como Rosa mesmo sugeriu certa feita, sua obra literária poderia, praticamente, ser dividida em dois momentos: o primeiro – que iria de 1946 a 1956, com as publicações de *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas* – foi considerado por ele como o momento dos livros do “tempo das boiadas” – distinto de um segundo momento – que iria de 1962 a 1967 – com a publicação de *Primeiras Estórias* e *Terceiras Estórias*. Porque guardam estreita relação temporal e de temas com o universo de livros de sua biblioteca, podemos dizer que *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile* são os livros do “tempo das boiadas”. O livro *Sagarana*, de 1946, também pertence ao período dos livros do “tempo das boiadas”, porém ele se destaca dos livros de 1956 em função de que é de um momento da criação literária do escritor que reflete pouco o contato com o universo de livros de sua biblioteca.²³

Como dito anteriormente, apesar de ser um livro que também encena situações de fazendas e boiadas, *Sagarana* não traduz ainda a relação de Rosa com livros de intérpretes do Brasil, o que é o caso de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, principalmente o primeiro, em que se identificam trechos quase inteiros que o escritor buscou nos livros dos intérpretes que consultava e que transformou em material de sua criação de literatura.

A partir do cruzamento da literatura de Rosa com os livros de sua biblioteca, podemos identificar alguns pontos de investigação

²³ Uma lista supostamente completa de todos os livros da biblioteca de Guimarães Rosa foi tentada em SPERBER, Suzi Frank. *Caos e Cosmos – Leituras de Guimarães Rosa*. SP: Ed. Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia. 1976, 210 p.

para pesquisas futuras de historiadores.²⁴

O primeiro visa a identificar o universo de livros consultados por Rosa e suas marginálias, além de cogitar momentos de sua carreira diplomática como estimuladores da constituição da biblioteca. Caracterizando-os tanto como portadores de textos que enunciam os termos de um debate sobre o Brasil, como suportes que imprimiam – ilustrando – o Brasil debatido, os livros autorais de Rosa e seu diálogo com outros autores estiveram, possivelmente, informados pela percepção de Brasil recortado no *corpus* de livros da biblioteca entendida como mediação cultural. Há uma pertinência entre muitos livros da biblioteca de Rosa e seus livros literários para o exame da relação entre o escritor e os debates sobre o Brasil, e como eles se transfiguraram em seus livros literários.

Outro ponto importante seria examinar a relação de Guimarães Rosa e de sua literatura com o movimento de viagens desenvolvido no Brasil e no mundo ao longo dos séculos XIX e XX, no seio da constituição das ciências geográfica e etnográfica, apontando recursos e estratégias que se tornaram também dos escritores literários. Para o período histórico de realização da literatura de Rosa, há fatores prováveis que estimularam suas viagens ao Brasil – valorizadas, a partir de certo momento, em função do projeto literário e da carreira diplomática – e que, provavelmente, interferiram em sua concepção de sertão e de Brasil com que dialogou com os intérpretes do país. Há diversos livros publicados pelo IBGE – órgão geográfico criado em 1938 – e por diversos órgãos governamentais afins, o que exprime um contexto de crescimento do conhecimento do Brasil por instituições geográficas e outras, criando políticas públicas sistemáticas de viagens ao interior do país.

O diálogo de Rosa com outras artes desenvolvidas na cidade – onde ele viveu e seus livros foram publicados, visando a um leitor urbano – seria outro ponto de análise. Seria fecundo se examinar

²⁴ De algum modo, esses pontos refletem as partições que fizemos em nossa tese de doutorado.

a relação da literatura e suas trocas artísticas e intelectuais tendo como centro de interesse e motivação o universo das trocas e interações urbanas vividas nas cidades brasileiras, onde foram publicados seus livros em meados do século XX. Algumas das trocas textuais e culturais do escritor podem ser identificadas, sugerindo seus impactos em sua invenção literária.

O período em que Rosa realizou sua carreira de escritor foi marcado pela expansão de uma indústria de livros e de registros culturais que valorizou a atuação de artistas ilustradores, quando foi se consolidando uma esfera de agentes culturais do círculo de interlocução de Rosa que, pouco a pouco, vão se separar em campos de atuação específicos na história brasileira. O período da literatura de Rosa se caracterizou pela diversificação da sociedade brasileira e pelo aparecimento de uma camada de leitores e de consumidores culturais de produtos de arte e de entretenimento que não se limitava ao livro, e pelo aparecimento de mídias que, num tempo de modernização, viabilizaram registrar e inventariar tradições e a cultura em outros suportes, como rádios e filmes. Seria importante se certificar da expansão de uma indústria de livros e de edições, incitando as atividades de Rosa não só para a arte da palavra, mas também para as artes do livro tomado como suporte de realização de sua literatura.

Ainda outro ponto a investigar seria o caráter da aproximação do escritor ao sertão, começando a investigar seu papel de prestigioso mediador cultural entre sertão e cidades. Investigar se, através de sua literatura, Rosa autentifica no sertão a situação de uma tradicional cultura de leitores de cultura escrita, onde, praticamente, o livro culto não existe, e os consumidores do escrito são leitores de bilhetes, cartas e impressos, cujo valor é muito menos informativo e mais representativo da força simbólica que o escrito exerce em sociedades de iletrados, ou sociedades pouco penetradas pela escrita.²⁵ Uma análise instigante seria

²⁵ A ideia da força simbólica do escrito em sociedades sem ele está em CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIES, Pilipe; DUBY, George. *História da Vida Privada*. SP: Cia das Letras, 1991, p. 113-162.

a de cruzar o papel de Rosa como o portador do livro escrito no sertão, e avaliar se isso não significa um desdobramento de uma representação do Brasil em que se destaca a atuação imprescindível de elites formadas e eruditas que se ligam ao livro.

Poder-se-ia começar a vislumbrar a hipótese de que entre as culturas do escrito no sertão e nas cidades, falta o livro, o que compõe o significado do sertão para Guimarães Rosa e que prepara sua atuação de diplomata a cavalo que vai agir com o fim de aproximar os homens da cidade ao sertão pela mediação de sua atuação cultural publicada em livro, e magnificamente expressa pelo homem que, em *Grande Sertão: Veredas*, viaja ao sertão para, depois, exatamente ir escrever e publicar um livro na cidade. A atuação de Rosa como aproximador de mundos se fez, ao que nos parece, pelo reforço do tema da exuberância e da delicadeza visual da paisagem sertaneja colocada em forma literária a ser transportada para o universo de leitores urbanos visado pelo escritor. A visualidade de Rosa – “em literatura sou um visual” dizia – pode-se ligar como habilidade educada pelo contato com as artes plásticas – de que sua biblioteca revela vários títulos – e incrementada por uma época histórica de desenvolvimento de uma cultura iconográfica no Brasil que dava a ver o sertão em meados do século XX através de revistas, livros e imagens publicáveis.

Ainda nesse ponto, podemos avaliar, se tomarmos em conta as atividades de Rosa voltadas para a confecção de livros, se sua visualidade não seria visualização.

Se a visualidade é habilidade, indagamos se a visualização não é categoria que unifica o homem do sertão e o homem da cidade, identificados numa comunidade imaginada pelo quadro exuberante da paisagem sertaneja dos desenhos nos livros da Livraria José Olympio Editora, nas imagens amadoras do sertão desenhadas pelo escritor diplomata e na extensa produção de publicações que davam a ver as áreas sertanejas do Brasil. Em *Grande Sertão: Veredas*, o doutor da cidade vai ao sertão com uma máquina fotográfica, enquanto o “doutor João Rosa” viaja pelo sertão “tomando o mundo por desenho e escrito”. A questão

da forma com que o tema da brasilidade está na literatura de Rosa pode ser problematizada, afinal – como ele mesmo revelou – “creio que Riobaldo também não é isso; melhor: é apenas o Brasil”.²⁶

Por fim, poderíamos indicar uma última perspectiva a ser lançada sobre a literatura de Rosa, resgatando quais são os sertanejos de sua literatura, a partir de algumas das trocas textuais e interpretativas entre Rosa e outros homens de cultura ligados intimamente aos livros, trocas incrementadas pela consolidação de um mercado de edições no Brasil de meados do século XX. Rosa se teria nutrido de *topos* do debate de ideias sobre o Brasil que lhe facultaram conceber o sertão que acabou por figurar em sua literatura: “Riobaldo é o sertão feito homem, e é meu irmão”.

Lendo sobre o Brasil em livros de diversos autores entre o literário e o interpretativo, Rosa se abasteceu do debate de ideias, registradas em passagens de sua literatura que foram buscadas no conjunto de livros sobre o sertão do país em sua biblioteca. Dois grandes temas da interpretação brasileira atravessaram a literatura rosiana marcados nos livros da biblioteca: o dos “famigerados e facínoras” – tema que transfigurou na literatura rosiana a vertente histórico-interpretativa do sertão como *locus terribilis* – e a do sertão histórico-cultural – tema que reiterou, principalmente pela leitura de Euclides da Cunha e seguidores, o sertão e os sertanejos como dignos de cultura e de história.

Pelas próprias reflexões de Rosa sobre seu trabalho artístico, talvez pudessem os historiadores relativizar a leitura que o próprio autor faz de sua obra.

Como quer o pesquisador de Literatura Eduardo Coutinho, “obra eminentemente desconstrutora de toda visão monolítica do real,” a narrativa de Guimarães Rosa é “espaço de indagação, de busca, onde [...] como afirma Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, não se tem certeza de coisa nenhuma, mas se desconfia

²⁶ LORENZ, Günter. Op.Cit, Gunter Lorenz, crítico literário alemão, fez entrevista com Guimarães Rosa, em 1965, em Gênova, durante o Congresso Latino-Americano de Escritores, entrevista que é o grande material de pesquisa documental para pesquisadores quanto aos posicionamentos de Rosa sobre política, língua, literatura e crítica literária.

de muita coisa”.²⁷

É preciso desconfiar das próprias palavras de Rosa sobre si mesmo e de sua literatura, acreditando que, com isso, talvez possamos contribuir para a leitura desse escritor híbrido de culturas e artes, pesquisando-o, escritor que vinculou a tradição culta do romance à tradição oral dos contadores de histórias, e que, por uma razão que a própria razão desconhece, praticamente nunca foi motivo exclusivo da análise dos historiadores.

Favorecido pelas possibilidades, recursos e dispositivos técnicos novos e criativos viabilizados por seu tempo histórico, Guimarães Rosa e sua literatura problematizaram a natureza e a especificidade das interações sociais entre brasileiros diversos em meados do século XX, reveladas por uma concepção de Brasil figurado em arte literária original e renovadora. Se Rosa foi consagrado o grande escritor brasileiro do século XX, comparado a grandes nomes da literatura universal, é bastante provável que sua obra e sua atuação tenha a nos dizer tanto de sua experimentação poética comovente com a língua, como do Brasil sobre o qual se debruçam os historiadores para analisar.

Se é razoável pensar assim – e pensar que é uma construção a ideia de que “a literatura de Rosa é difícil” – o que os historiadores estão esperando para tomar definitivamente este feito admirável, a literatura de Guimarães Rosa, como objeto de estudo e fonte de história?

²⁷ COUTINHO, Eduardo de Faria. Discursos, Fronteiras, Limites. In: SCARPELLI, Marli Fantini (Org.). *A poética migrante de Guimarães Rosa*. BH: Ed. UFMG, 2008, p. 365.